



“Um deleite para os olhos”: o retorno da exposição Vasos gregos em Portugal

Autor(es): Morais, Rui

Publicado por: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/30486>

Accessed : 18-May-2022 14:08:55

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

“UM DELEITE PARA OS OLHOS”
O RETORNO DA EXPOSIÇÃO VASOS GREGOS EM PORTUGAL

Na sua breve notícia sobre a exposição *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules*, publicada no volume 47 deste mesmo boletim (Junho 2007, p. 190-192), Nuno Simões Rodrigues termina o seu texto com a seguinte frase: *É proibido perdê-la*. Tinha razão o autor. Esta exposição, inaugurada em Lisboa no dia 25 de Janeiro de 2007 no Museu Nacional de Arqueologia, acolheu um número elevadíssimo de visitantes. De 28 de Fevereiro até ao dia 1 de Junho do corrente ano esta mostra pôde de novo ser apreciada no Porto, no Museu Nacional Soares dos Reis.

Falar de vasos gregos, nos dias de hoje, pode parecer saudosismo incurável, mas para quem teve oportunidade de apreciar a exposição facilmente apreendeu o legado imorredouro desta expressão artística. É irresistível a sua magia. A beleza de muitos dos vasos expostos é sinónima de Helenismo, de perenidade, *um deleite para os olhos*, como refere o título de um texto de Delfim Leão publicado no belíssimo catálogo que acompanha a exposição.

Para ilustrar a importância dos vasos gregos no contexto da *Paideia* helénica, recuperamos um pequeno excerto de uma entrevista dada ao Jornal Público por Maria Helena da Rocha Pereira, em 6 de Setembro de 2001: *além de peças arqueológicas, são obras de arte nas quais é possível estudar a evolução da pintura, a passagem do bidimensional ao tridimensional, aspectos inúmeros da vida grega. Porque se eles desenham deuses, desenham também cenas da vida doméstica: um jovem acompanhado do seu pedagogo que vai ao sapateiro, uma mulher que vai à loja comprar azeite – o que é muito interessante para contrariar a ideia de que a mulher grega vivia encerrada no gineceu. Os vasos demonstram muitas fantasias. Mostram as escolas de música, os treinos dos desportistas... está lá tudo.*

Nesta exposição muitos foram os vasos dignos desta apreciação. Recorde-se, entre outros, e a título de exemplo, o Calyx-kratêr ático de figuras vermelhas encontrado em Agrigento, atribuído ao Pintor de Coghil (c. 440 a.C.), adquirido pelo Senhor Calouste Gulbenkian, e agora uma das jóias do Museu da Fundação com o seu nome. Pela sua qualidade artística e pelo seu significado histórico realce-se ainda dois vasos de figuras vermelhas

da Magna Grécia (apúlio e lucânio), oferecidos como prenda de casamento a D. Pedro V pelo Núncio Apostólico em Lisboa (1858).

Infelizmente, nenhum dos vasos acima referidos pôde figurar na reedição desta exposição no Museu Nacional Soares dos Reis no Porto, que, salvo uma ou outra ausência, soube manter o discurso expositivo da anterior.

Mas, a demonstrar a qualidade dos vasos expostos, nunca é demais recordar uma das maravilhas desta mostra. Referimo-nos a uma pelike ática de figuras vermelhas pertencente à colecção Manuel de Lancastre, uma das mais notáveis deste mesmo género. A revelar que nem sempre as novidades no conhecimento dos vasos gregos provêm de achados arqueológicos recentes, o estudo deste vaso, onde se lê a assinatura do oleiro, *Brygos epoiesen*, é um importante contributo para os estudos da especialidade. Mas não só. O tema aí retratado é também digno de destaque. Segundo a interpretação de Maria Helena da Rocha Pereira, o tema parece ser o mesmo que figura no exterior da famosa taça de Berlim, atribuída ao Pintor de Sósias, que ilustra a cena processional da entrada de Hércules no Olimpo. A referência ao tema, representado na pelike da colecção Lancastre, num dos próximos volumes a ser publicado no *LIMC*, exemplifica o que acabamos de referir.

Tal como em Lisboa, acompanha esta mostra um pequeno vídeo, da responsabilidade técnica de Rita Neves e João Almeida, no qual a Professora Maria Helena da Rocha Pereira nos dá uma pequena visão, comentada, de algumas das peças aí presentes e o seu significado.

Apesar das ausências acima referidas, o visitante pôde usufruir de outros núcleos de vasos gregos, que, em substituição, ou resultantes de novos estudos, foram dados a conhecer. Referimo-nos a um pequeno conjunto de vasos da vasta colecção do Dr. António Miranda, que em breve irá ser dada a conhecer pelo Professor Ribeiro Ferreira, e de duas pequenas colecções da cidade do Porto, que ainda não tinham sido objecto de estudo. Trata-se da colecção do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e da colecção João Allen, em depósito no Museu Nacional Soares dos Reis. Da formação e qualidade de uma e outra colecção dão notícia os respectivos catálogos, um publicado no volume 59 da revista *Humanitas* (2007, p. 3-28), e outro editado pelo próprio Museu Nacional Soares dos Reis no presente ano.

Este último catálogo, elaborado como complemento desta exposição, inclui, para além do estudo de um pequeno número de vasos (que têm o mérito de ter sido a primeira colecção do género existente em Portugal),

pequenos textos sobre a questão do colecionismo no contexto do *grand tour* e da colecção João Allen, em particular. Entre outros assuntos, é de destacar um pequeno anexo que dá a conhecer um vaso inédito do Museu da Presidência da República, estudado agora pela primeira vez e atribuído ao pintor de Atenas 581. Este vaso oferecido em Junho de 1981 ao Presidente Ramalho Eanes pelo Presidente da Grécia Constantinos Karamanlis, aquando da sua visita de Estado a Portugal, está ilustrado com uma cena guerreira de hoplitas.

Terminamos esta breve nota referindo que a reedição desta exposição no Museu Nacional Soares dos Reis se tem traduzido num número apreciável de visitantes, que incluem alunos de vários graus de ensino e estudantes universitários. Devem igualmente destacar-se as diferentes actividades que o Museu organizou no âmbito desta exposição.

RUI MORAIS

UTOPIAS E DISTOPIAS COLÓQUIO INTEGRADO NA X SEMANA CULTURAL DA UC

Da iniciativa do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Instituto de Estudos Clássicos, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Centro de Linguagem, Interpretação e Filosofia, decorreu, nos dias 6 e 7 de Março, o colóquio *Utopias e distopias*, configurado com o seguinte programa:

6 de Março

- Philippe Rousseau, “Autres temps, autres lieux: aspects de la pragmatique pré-utopienne dans la littérature grecque archaïque et classique”
- Frederico Lourenço, “Utopia e distopia no imaginário homérico”
- Javier Daroca, “Edades y razas de la Utopía antigua”

- Antonio Melero Bellido, “Pueblos felices y exóticos de en la comedia ática antigua”
- Maria de Fátima Silva, “Fantasias de uma *História verdadeira*”